

**A GRAMATICALIZAÇÃO DO LÁ
NO CORPUS DA LÍNGUA FALADA E ESCRITA
DO NORTE E NOROESTE FLUMINENSE**

Andressa Teixeira Pedrosa Zanon (UENF)

andressa.pedrosa@gmail.com

Monique Teixeira Crisóstomo (UENF)

monikebj@gmail.com

Laís Teixeira Lima (UENF)

laisbj@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

A gramaticalização do *lá* tem sido recorrente na língua portuguesa, portanto, é importante observar como esse fenômeno ocorre nas diversas situações de uso. A partícula *lá* geralmente é categorizada como advérbio de lugar, mas essa classificação não dá conta de seus usos reais. Atualmente, observamos que o valor dêitico espacial desta partícula não aparece de maneira tão clara e exclusiva. Em muitos casos, não estabelecemos relação direta com este valor original, pois seus usos estão em processos de gramaticalização. Diante disso, o objetivo deste trabalho é observar como realizam-se os usos do *lá* na língua falada no Norte e Noroeste Fluminense. Utilizamos como fonte de pesquisa autores como Vincent, Laforest, Martellota, Votre e Cezario, além do *Corpus* da Língua Falada e Escrita do Norte e Noroeste Fluminense. Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica para estudar os conceitos que embasaram nossa pesquisa. Na sequência, fizemos uma busca no referido *corpus*, com objetivo de encontrar as ocorrências do *lá* e as separamos em diferentes categorias, de acordo com a indicação de Martelotta e Rêgo (1996). Por fim, interpretamos as ocorrências, identificando quais funcionavam como advérbio de lugar e quais estavam sofrendo processo de gramaticalização, assumindo acepções diferentes de seu sentido original. Constatamos que a gramaticalização e discursivização estão recorrentes nas situações reais de comunicação, pois foi possível encontrar no *corpus* de pesquisa todos os exemplos possíveis, de acordo com a teoria funcionalista, de significação da partícula *lá*, confirmando algumas das hipóteses propostas pelos autores analisados.

Palavras-chave: Gramaticalização. Discursivização. Partícula *lá*. Língua em uso.

1. A teoria funcionalista e a análise da língua em uso

O funcionalismo é uma corrente da linguística que se opõe ao estruturalismo e ao gerativismo, principalmente, ao se referir à questão de que os usos linguísticos realizados pelos indivíduos não são importantes para serem analisados.

A linguística funcional tem como objetivo estudar os aspectos da língua em seu contexto comunicativo, ressaltando os aspectos que emergem na comunicação, sendo, assim, a linguagem um instrumento de interação social.

Desta forma, considera a língua viva, heterogênea e dinâmica, pois se modifica de acordo com cada situação de comunicação e com a evolução da comunidade linguística, de seus falantes, tendo a linguagem funções externas a si e que tais funções influenciam em sua organização interna.

Para a linguística funcionalista, a língua deve ser valorizada a partir de seu uso efetivo e das diversas situações de comunicação em que o falante está inserido, valorizando sempre os fenômenos emergentes na interação comunicativa.

Segundo Cunha (2013, p. 155),

os funcionalistas concebem a linguagem como instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando, na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. (CUNHA 2013, p. 155)

Logo, percebemos que o funcionalismo procura trabalhar com a língua em uso, em seu efetivo uso na comunicação, deixando de analisar fatos isolados e descontextualizados. Desse modo, a língua passa a desempenhar funções que são externas ao sistema linguístico, que emergem sempre nas efetivas situações de comunicação.

Para Furtado da Cunha e Tavares (2007),

a língua é determinada pelas situações de comunicação real, em que falantes reais interagem e, conseqüentemente, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação. (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 157)

Por sua vez, para a linguística funcional, a gramática é tida como um sistema aberto, que se modifica a partir das diversas situações comunicativas diárias de seus falantes, nos fatos que emergem na comunicação. Assim, gramática e discurso estão intensamente vinculados, uma vez que a gramática se origina do discurso e passa, assim, a ser analisada a partir de suas mais diversas situações de uso. Logo, a sintaxe de uma lín-

gua surge a partir das inúmeras estratégias de organização do discurso que os falantes utilizam durante a comunicação.

Dessa forma, gramática e discurso não são conceitos considerados pela linguística funcional como separados e sim como termos que se associam, uma vez que a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática.

De acordo com Cunha (*apud* MARTELOTTA, 2008, p. 158),

na análise de cunho funcionalista, os enunciados e os textos são relacionados às funções que eles desempenham na comunicação interpessoal. Ou seja, o funcionalismo procura essencialmente trabalhar dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação.

Percebe-se, então, que a linguística funcional se preocupa em explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Assim, vai além da esfera da estrutura gramatical e busca na situação comunicativa, que envolve o usuário da língua, seus propósitos.

As pesquisas funcionalistas têm como objetivo analisar e explicar motivações para os diversos fatos linguísticos, investigando as regularidades concretizadas a partir do seu uso, em contexto de efetiva interação sociocomunicativa, demonstrando que a língua é fluida e maleável

Pode-se citar, como exemplo desse caráter não estático da língua/gramática, a gramaticalização, conceito que será o principal objeto de investigação deste trabalho e que será realizado a partir da partícula *lá*.

2. Gramaticalização: uma nova abordagem dos contextos comunicativos

A gramaticalização consiste na mudança de um item lexical em um elemento gramatical ou de um estatuto discursivo em outro sintático. Desse modo, percebe-se que a noção de gramaticalização está associada ao conceito de gramática emergente, uma vez que ocorrem mudanças nos fenômenos linguísticos.

Assim, constata-se, mais uma vez, a visão funcionalista de que não existe uma gramática rígida, pronta e acabada, visto que os fenômenos emergem e se gramaticalizam de acordo com as mais variadas situa-

ções comunicativas, surgindo novas formas para determinadas funções ou novas funções para formas que já existem.

Para Furtado da Cunha e Tavares (2007, p. 25)

O surgimento de novas estruturas gramaticais é motivado quer por necessidades comunicativas não preenchidas, quer pela presença de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas, quer pela própria dinâmica das tendências em curso. Assim, a gramaticalização passa a ser entendida como um processo diacrônico e um continuum sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática.

Para Costa, Cunha e Cezario (2003), existem dois sentidos para gramaticalização, a *stricto sensu* e a *lato sensu*, possuindo as seguintes características:

A gramaticalização *stricto sensu* ocupa-se da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação de ordem vocabular. (COSTA, CUNHA & CEZARIO, 2003, p. 51)

Assim como a gramaticalização está relacionada aos fenômenos de mudanças e variações linguísticas, manifestando o aspecto não-estático da gramática e evidenciando sua dinamicidade, ocorre também o processo da discursivização, no entanto, um fenômeno oposto à gramaticalização.

Na discursivização, as unidades linguísticas mudam para um nível não-gramatical, para servirem de organização da linha de raciocínio na fala, para a retomada de um raciocínio perdido, para reorganizar o discurso, podendo funcionar, também, como um marcador discursivo ou preenchedor de pausa.

Para Martelotta e Alcântara (1996), a discursivização consiste em um

processo de mudança que leva determinados elementos linguísticos a serem usados para reorganizar o discurso, quando suas restrições de linearidade se perdem em função da improvisação típica da fala, ou para preencher o vazio comunicativo causado por essa perda. (MARTELOTTA & ALCÂNTARA, 1996, p. 277)

Assim, constata-se que a discursivização se constitui como um processo em que um elemento não tem mais relação com as normas gramaticais, passando a relacionar-se com o discurso.

A seguir, serão analisados alguns casos em que a partícula *lá se* encontra em diferentes situações discursivas, sofrendo ora processo de gramaticalização ora de discursivização.

3. Metodologia

Para a realização deste artigo foram utilizados dados do *corpus* “A língua falada e escrita na região norte-noroeste fluminense”, realizado pelo Núcleo Linguagem e Educação da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UNEF).

O *corpus* é composto por depoimentos de 143 informantes, sendo 77 da região Noroeste e 66 da região Norte Fluminense. Cada um dos informantes produziu cinco tipos distintos de textos orais e escritos, sendo eles: 1) Narrativa de experiência pessoal; 2) Narrativa recontada; 3) Descrição de local; 4) Relato de procedimento; e 5) Relato de opinião.

Foram entrevistados falantes de diferentes níveis de escolaridade, como: educação de jovens e adultos (EJA), ensino fundamental I e II, ensino médio e ensino superior.

Com a intenção de obter uma análise qualitativa e quantitativa dos dados, foram analisadas 545 ocorrências do elemento *lá* nessas entrevistas, com a seguinte distribuição: 182 ocorrências no ensino fundamental, 116 ocorrências no ensino médio, 163 ocorrências no ensino superior e 84 ocorrências na educação de jovens e adultos.

Vimos todas as entrevistas, tanto a parte oral quanto escrita, mas realizamos análise apenas nas ocorrências orais.

4. Análise dos dados

A partícula *lá*, prototipicamente funciona como advérbio de lugar, ocorre pois, que, em muitos casos, esse uso não se realiza de maneira tão simples e esperada. No uso cotidiano, vemos que esse elemento pode assumir outras acepções, mais abstratas e complexas, podendo ser gramaticalizadas e até mesmo discursivizadas. De acordo com Martelotta e Rêgo:

Admitimos que existem duas trajetórias distintas que, partindo do valor dêitico espacial de *lá*, geram diferentes usos da partícula. Uma leva a partícula a assumir funções anafóricas e catafóricas, que, por sua vez, geram valores

temporais e inferíveis. Outra faz com que a partícula assuma uma função modalizadora, que funciona como uma marca de afastamento ou desinteresse do falante em relação ao que fala. Com a continuidade do processo de mudança, essa função modalizadora, por um lado, gera um uso em que o *lá* penetra no sintagma nominal, assumindo uma função de elemento indefinido, e, por outro, se discursiviza em alguns contextos em que a expressão *sei lá* funciona como elemento que participa da organização do fluxo linear das informações no discurso oral. (MARTELOTTA & RÉGO, 1996, p. 133)

Partindo desse princípio de possibilidades de usos e acepções do *lá*, analisamos o *Corpus* e foi possível observar as seguintes ocorrências:

	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Educação de Jovens e Adultos
Fala	182	116	163	84
Escrita	35	24	20	9

Tabela 1: Quantidade de ocorrências da partícula *lá*.

Como podemos observar na tabela acima, as ocorrências do *lá* foram em número muito mais relevante na fala do que na escrita. Esse fato confirma a hipótese de que a referida partícula possui uma carga diferenciada e pode ser relacionada à fala. Muitas vezes a partícula serve para início e retorno de turno, marcando sua forte presença na oralidade. Já na escrita, que se configura como um processo menos dinâmico e mais programado, vemos a ocorrência bem menor do item.

Podemos considerar, então, que a escrita, por depender menos de recursos de organização do pensamento dinâmico, apresenta um número menor dessas partículas. Por sua vez, a característica dinâmica e ágil da fala faz com que ela tenha que utilizar recursos que auxiliem a sequencição e organização do pensamento. Dessa forma, vemos que a fala e a escrita possuem mecanismos distintos, que caracterizam cada uma das formas de interação comunicativa.

Observe:

Ex.: 1:

“...Rosal... adoro muito lá... gosto muito mesmo... de passar férias... final de semana às vezes... tendo um tempinho eu vou pra lá... fico lá... que lá eu me divirto...”

No exemplo acima, é possível observar que o falante utilizou a partícula *lá* como um marcador discursivo, organizando os turnos de fala. Assim, vemos que o falante, ao utilizar o *lá* quatro vezes em um período, demonstra a característica fortemente oral desse elemento.

Mostramos as ocorrências do *lá*, tanto na fala quanto na escrita,

para que ficasse claro que ela é muito mais utilizada nas interações orais. Para análise neste trabalho, utilizamos apenas as ocorrências orais, por serem mais importantes para nossa discussão sobre o processo de gramaticalização e discursivização do elemento em estudo.

Ao analisarmos toda a extensão do *Corpus*, foi possível montar a seguinte tabela de ocorrências:

	Nº de Casos/ Nº de linhas	Lá espacial pleno	Lá espacial inferível	Lá temporal	Lá no Sintagma Nominal	Lá desgramatical
Ensino Fundamental	182/ 1465	147	20	—	8	7
Ensino Médio	116/ 2072	84	13	—	15	4
Ensino Superior	163/ 3299	137	9	1	10	6
Educação de Jovens e Adultos	84/ 877	60	6	1	15	2

Tabela 2: Número de ocorrências da partícula *lá* separadas por escolaridade.

Como observamos, a tabela contém itens que foram definidos por Martelotta e Rêgo (1996), em sua pesquisa sobre a partícula em estudo, considerando as duas trajetórias possíveis da partícula.

Heine et alii (1991, p. 179) considera que os dêiticos espaciais, geralmente são utilizados para indicar pontos já citados no texto (anáfora) ou que ainda serão citados (catáfora). Essa consideração de Heine (1991) mostra-nos o valor prototípico, geralmente exercido pelos dêiticos. Abaixo, vemos algumas ocorrências da partícula *lá* com esse valor.

Vejamos as ocorrências anafóricas:

Ex.: 2:

“...me levou po::/pra São José de Ubá po/po::... hospital de lá... aí me/me transferiu pra cá Itaperuna...”

Ex.: 3:

“...no Fitero... na casa da minha mãe... porque lá... tem três cômodo... tem um::... quintalzinho piquinininho... lá também que eu fico em casa (né?)... só...”

Ex.: 4:

... nas minhas férias eu viajei pra/pro Espírito Santo... peguei o ônibus aqui meio-dia... fui pra lá... aí cheguei no caminho... na estrada... quais chegando no Espírito Santo o::... carro bateu no ônibus...”

Ex.: 5:

“... no cristo/o cristo redentor... porque lá é o:... /lá é o:... /lá é alto dá pra vê a cidade toda na frente atrás...”

Ex.: 6:

“...eu em setena e oito morava em Belo Horizonte... () seguindo carreira militar lá... eu sube de um acidente no/na exposição da Gameleira...”

Ex.: 7:

“... gosto da casa da minha irmã... porque lá... é um:: lugar muito espaçoso... uma casa grande:: toda hora chegando gente pra arriá cavalo:: tem bezerro novo... tem:: muita árvore... muito mato... um açude enorme... por isso que eu gosto de ficar lá...”

O uso anafórico é bastante concreto e guarda referência direta com algum elemento já citado no texto. Nos exemplos acima, podemos ver que os referentes são, respectivamente: São José de Ubá, Fitero, Espírito Santo, Cristo Redentor, Belo Horizonte e casa da minha irmã. Todos os espaços de referência são físicos e concretos.

Temos, também, as ocorrências catafóricas, em que a partícula aparece antes do item a ser citado no texto. Vejamos:

Ex.: 8:

“...têm... porque:... aqui nós fala assim... mais rápido... e lá no Rio de Janeiro já fala puxando o...”

Ex.: 9:

“sim... é:... eu morava/eu morava lá em Vitória depois de grande agora que eu fui lá pro município de Espírito Santo... que era Nova Almeida...”

Ex.: 10:

“...e foi morar... lá em Macaé também...”

Ex.: 11:

“...minha casa é uma casa simples/minha casa é simples... eu moro lá na rua São José...”

Ex.: 12:

“...olha eu:: gosto demais de Itaperuna de todos locais... que há muitos anos eu moro aqui/e sempre desde que eu morava lá em Itajara... eu sempre... tive vontade de morar aqui...”

Como podemos inferir, o uso do *lá* como dêitico catafórico refere-se a algum elemento que ainda será citado no texto, conforme os exemplos acima. Vemos que o *lá* se refere, respectivamente, a Rio de Janeiro, Vitória, Macaé, rua São José e Itajara, todos espaços físicos claros e fáceis de serem definidos. Esse é um uso prototípico do elemento, concreto e sugere um realce do seu referente, que aparece logo depois, como con-

firma Martelotta e Rêgo (1996):

Um dado relevante é que, em todos os casos de *lá* classificados como espacial pleno catafórico, a partícula funciona como um elemento enfático, destacando o local mencionado. Esse uso da partícula *lá* introduz uma informação nova, que sempre aparece depois dela, ao contrário do anafórico, que se refere a algo já mencionado. (MARTELOTTA & RÊGO, 1996, p. 134)

Tanto no uso catafórico quanto anafórico, o elemento *lá* é considerado espacial pleno, pois se refere a itens detectáveis no texto. Algumas vezes, ainda, o *lá* pode fazer referência a algum elemento que não está claramente escrito no texto, mas que pode ser detectado pela análise do contexto. Nesses casos, dizemos que o *lá* refere-se a algum elemento inferível no texto, como nos exemplos abaixo:

Ex.: 13:

“...é:: eu gosto de fazer:: macarrão de três minutos... é::: queijo e presunto... aí bota por três minutos... deixa lá... aí depois tira... depois bota nu/num/num prato/aí vai tá com queijo derretido e presunto... aí/ é:: é o prato que eu mais gosto...”

Ex.: 14:

“...um concurso eu passei aqui fui apresentar essa feira de ciência fora da cidade onde lá eu ganhei uma coleção de livro sobre carvão de pedra...”

Ex.: 15:

“... logo no primeiro/no na primeira consulta o médico falou pra ela que aquilo ali era/poderia ser um tumor... e indicou ela pra... para verificar se fosse um tumor maligno ou então benigno e lá (assim) deu que era um câncer... né?...”

Ex.: 16:

“...tava um frio... danado... aí minha mãe foi... nisso ela tava me contando... minha mãe foi... lá abastecer o carro... aí meu pai pediu pra lavar o vidro do carro...”

Ex.: 17:

“...você vai:: tá trabalhando na profissão que você tá:: naquilo que você tá estudando... a escrita pode ser o seu diferencial também lá na frente...”

No Exemplo 13, vemos que o *lá* faz referência ao recipiente onde os ingredientes do macarrão estão, não está escrito, mas facilmente podemos inferir o que seria, a partir da observação do contexto.

Já no exemplo 14, podemos supor que o *lá* esteja se referindo a alguma cidade, provavelmente à cidade que o concurso aconteceu. No exemplo 15, conseguimos saber que o *lá* está se referindo ao exame que o médico indicou para descobrir qual era a doença da pessoa citada no discurso oral.

No exemplo 16 é possível perceber que o *lá* está aludindo posto de gasolina, lugar que as pessoas, em geral, abastecem o carro. Já no exemplo 17, a referência é um pouco mais abstrata, significando, possivelmente, futuro, época em que a pessoa pretende estar com uma vida profissional melhor.

Em todos os casos acima o *lá* deixa de apresentar sua característica de espacial pleno, para funcionar com característica espacial inferível.

Uma outra possibilidade de atuação da partícula *lá* é fazendo alusão a dados temporais, como nos exemplos abaixo:

Ex.: 18:

“...tô aqui em frente à Casa Silveira e você vem... peguei e tomei um banho correndo... mudei uma roupa... peguei um ônibus... e fui... devo ter chegado do/por volta lá de nove horas...”

Ex. 19:

“...eu estudei até os dez anos... e ela me tirou da escola... nessa mesma escola... Francisco de Assis... lá no passado... em setenta...”

No exemplo 18, o *lá* está diretamente ligado ao elemento temporal nove horas, o que traz a ele uma menção precisa de tempo. Já no exemplo 19, o *lá* relaciona-se aos elementos passado e setenta, fazendo referência ao ano em que o fato citado ocorreu. Martelotta e Rêgo (1996) apresentam o uso temporal:

Esse uso temporal surge por um processo de mudança que Traugott e König (1991) chamam pressão de informatividade. Esse processo se dá quando, por convencionalização de implicaturas conversacionais, um termo assume um novo sentido motivado pelo contexto em que aparece. Esse novo sentido é inferido do sentido primeiro, independentemente do valor textual das cláusulas envolvidas no processo. O *lá*, nesses contextos, se torna temporal em consequência do fato de que faz alusão anafórica/catafórica a elementos que apresentam valor temporal mencionado. (MARTELOTTA & RÊGO, 1996, p. 135)

O referido autor nos mostra que o elemento *lá* é bastante flexível, o que torna possível que seu uso seja associado à palavra que se refere, podendo, assim, assumir um valor temporal.

Balocco e Dorigo (1995) apontam, ainda, para mais uma possibilidade de uso da partícula *lá*, como modalizador. Dessa maneira, seu uso mais concreto e espacial se abstratiza. A mudança acontece pelo mecanismo de metáfora distância espacial > distância emocional, gerando um uso modalizador do *lá*. Martelotta e Rêgo (1996) também consideram essa possibilidade:

existe um uso com valor modal da partícula *lá*, em que a sua noção espacial original se abstratiza, associando-se à noção de modalidade. Propomos, então, que os usos de *lá* também refletem uma outra trajetória de gramaticalização em que, por atuação de um mecanismo de mudança que convencionalizamos chamar de metáfora distância espacial > distância emocional, gera um uso modalizador de *lá*. (MARTELOTTA & RÊGO, 1996, p. 135)

Essas duas possibilidades de uso do *lá* modalizador seriam no sintagma nominal e a discursivização da partícula na forma *sei lá*. Vejamos alguns exemplos:

Ex.: 20:

“**bom... Campos dos Goytacazes... num é aquela cidade maravilhosa... dos sete mundos... não é uma coisa maravilhosa... tem lá seus defeitos () de início... mas... em questão assim... de beleza... tá indo...**”

Ex.: 21:

“**...então... a vida pra mim não foi lá essas coisas grande não... sempre trabalhei... em casa de família () doméstica né?...**”

Ex.: 22:

“**...entendeu?... então se você deu lá quinhentos passos... você vai colocar um centímetro... entendeu...**”

Nos exemplos anteriores, vemos o *lá* funcionando como um elemento de distanciamento e até certo desinteresse do falante, atuando como um modalizador.

Já no exemplo 23, na sequência, vemos outro tipo de modalizador, pois não traz qualquer característica espacial e temporal, nesse caso, o falante quis dizer que a criança está viva, saudável:

Ex.: 23:

“**...eu pedia a Deus pra... pra dá uma melhorada... aí até que:... aí achava até que... não ia engravidar... por causa disso... mas depois... ela engravidou... e... e a minha neta nasceu... tá com quase três mês... e... ((risos)) tá lá... toda:... espertinha...**”

Outra possibilidade é o modalizador de turno de fala, como no exemplo a seguir:

Ex.: 24:

“**vamo lá vou te dá aula... levanta... () levanta a língua... pra você pronunciar**”

Ex.: 25:

“**...ah:: porque a conta é assim...**... isso parece que não bastava pros alunos... “**ah:: tá/então vamos lá então ()...**” aí ele colocava dois objetos que viravam oito... a tantos graus...”

Podemos observar, nessas ocorrências, que o turno de fala é organizado por meio do modalizador *lá*, uma forma de o falante organizar seus espaços de fala, enquanto o turno reinicia.

Dando sequência na mudança, essa partícula apresenta outro uso, que os estudiosos chamam de *lá* no sintagma nominal:

Esse uso modalizador de *lá*, na continuidade do processo de mudança, gera um outro uso, que convencionamos chamar de *lá* no SN. Nesse outro uso, a partícula penetra no sintagma nominal, assumindo um posicionamento mais fixo. Assim, o falante utiliza a partícula *lá* para caracterizar o substantivo como algo que existe, mas a respeito do qual não quer, não pode ou não considera relevante fazer comentários. (MARTELOTTA & RÊGO, 1996, p. 136).

Na análise do corpus, encontramos muitos exemplos dessa ocorrência no sintagma nominal, veremos algumas a seguir;

Ex.: 26:

“...foi na sala de:: automação in/foi de automação... a gente:: chegou na sala... o professor pediu/entregou a folha pra gente fazer um projeto lá... fazer instalação.”

Ex.: 27:

“veio um carro lá... desgovernado entrou numa rua lá... sem dá seta... sem nada... e ele foi... bateu... sofreu acidente...”

Ex.: 28:

“... botamos em cima numa tábuia... com a vela por dentro... e tinha uma árvore lá que era mal-assombrada... todo mundo sabia da história né?”

Ex.: 29:

“...meu cunhado tava me contando... né? que::...na cidade que ele tá estudando... que ele tem um amigo... ele tava namorando uma garota lá... só que o namoro não deu muito certo não... aí ele/ele foi e terminou com ela... ela tomou montão de remédio pra se matar...”

Como a teoria nos apresentou, o *lá* em sintagma nominal caracteriza um substantivo, mas evita comentário sobre o mesmo. Nos exemplos, o *lá* caracteriza, respectivamente, os substantivos: projeto, carro e rua, árvore e garota. Nos exemplos 26 e 27, como aponta a teoria, parece que o falante não quer dar mais informações sobre o projeto e sobre o carro e a rua. No exemplo 28, parece que o falante considera irrelevante dar mais informações sobre a árvore. Já no exemplo 29, parece que o falante não pode dar maiores informações, uma vez que o assunto parece ser de cunho forte, sendo melhor não revelar mais características da garota envolvida.

Juntamente com a trajetória no sintagma nominal, existe outra, em

que o *lá* se discursiviza, quando acompanhado do verbo saber no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular. O valor modalizador original permanece, um indício de incerteza do falante em relação ao que se fala, assume, também, a função de organizar e reorganizar o discurso ou preencher o vazio causado pela perda da linearidade discursiva. Nesses contextos, o *sei lá* é usado para facilitar o processamento da fala, pois está a serviço da organização da linearidade do discurso.

Observamos, no uso do *sei lá*, um processo de discursivização, como propõe Vincent, Votre e Laforest (1993). Vejamos alguns exemplos encontrados no *corpus* analisado:

Ex.: 30:

“...nã/eu acho que não... acho normal... não tem sotaque... nada assim... sei lá... nunca notei não... acho que é normal mesmo...”

Ex.: 31:

“..... pega alguma coisa de de tá falando tipo agora como eu tô falando é:: meio mineiro sei lá essa coisa meio puxada...”

Ex.: 32:

“bom... no meu caso sim... muito tempo sem: sem tá:: estudando... vocabulário vai ficando pobre... né... a leitura como não é... sei lá... culturalmente... uma coisa do brasileiro...”

Nos exemplos acima, o elemento *sei lá* assume uma função típica de marcador discursivo, pois mostra hesitação do falante no momento de organização das ideias.

Com essa análise, foi possível perceber que a partícula *lá* funciona prototipicamente como advérbio de lugar. Ocorre, pois, que essa mesma partícula vem apresentando processos de gramaticalização e de discursivização, assumindo outras funções no contexto comunicativo, que não apenas aquelas apontadas pela gramática normativa.

A observação do *Corpus* permitiu comprovar a existência desses outros usos da partícula. Vimos que o elemento segue duas tendências: o *lá* textual (anafórico e catafórico), que pode estar claro no texto ou assumir função inferível ou temporal; além disso, temos também a tendência do *lá* modalizador, dentro do sintagma nominal ou discursivizado na forma *sei lá*. Conseguimos encontrar, no *corpus* estudado, exemplos de todas as ocorrências observadas nos estudos dos funcionalistas, o que demonstra a relevância da análise proposta.

5. Considerações finais

Com o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível observar que é extremamente importante considerar as teorias Funcionalistas na análise semântica e estrutural de qualquer língua, uma vez que os contextos comunicativos efetivos podem fazer surgir usos não considerados pela gramática normativa.

O processo de gramaticalização e discursivização estão presentes no desenvolvimento das línguas, visto seu aspecto fluido e maleável. Diante dessas constatações, é importante que análises linguísticas sejam feitas, para que possamos conhecer melhor a realização dos aspectos da nossa língua materna.

Esta pesquisa buscou entender de que maneira a partícula *lá* está sendo utilizada em língua portuguesa, para isso, fizemos uso do *Corpus* da língua falada e escrita do Norte e Noroeste Fluminense. Com o estudo, foi possível perceber a ocorrência prototípica da partícula e também seu processo de gramaticalização e discursivização.

Encontramos ocorrências da partícula em todos os graus de escolaridade, contrariando a hipótese de alguns autores de que as formas mais abstratas da partícula *lá* só ocorreriam em níveis mais elevados de escolaridade. Na análise, vimos que tanto as ocorrências espaciais plenas quanto gramaticalizadas e discursivizadas foram encontrados em falantes das mais variadas escolaridades, comprovando o aspecto fluido e abrangente desse uso.

As análises nos ajudaram a entender melhor as incidências dessa partícula em nossa língua e se torna relevante na medida em que pode ser elucidativo na comparação com estudos feitos em outros *corpora*, de outras regiões de nosso país. A comparação desses estudos é de grande importância para o desenvolvimento dos estudos linguísticos funcionalistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALOCCO, Ana Elizabeth; DORIGO, Carmen Teresa. *Algumas considerações sobre a gramaticalização de lá, bem e ir*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: Edufrn, 2007.

_____; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M.A.F da; OLIVEIRA, M.R. de; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

LUQUETTI, Eliana Crispim França. *A língua falada e escrita na região norte-noroeste fluminense*. Campos dos Goytacazes: EDUENF.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; RÊGO, Lana Mara Rodrigues. A gramaticalização de lá. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ/GELG, 1996.

_____; ALCÂNTARA, Fabiana. Discursivização na partícula né? In: MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

VINCENT, Dane S.; VOTRE, Sebastião Josué; LAFOREST, Marty. *Grammaticalisation et postgrammaticalisation*. Langues et Linguistique, Québec: Université Laval, n. 19, 1993.